

Beltrame reclama por sociedade não se indignar com morte de PMs

Especialistas dizem que histórico da polícia contribui para afastar a população

O secretário estadual de Segurança, José Mariano Beltrame, lamentou ontem o aumento da violência contra policiais e se disse perplexo com os requintes de crueldade utilizados durante os ataques. Ele citou a morte do soldado Neandro Santos Oliveira, que foi torturado e queimado por traficantes no Complexo do Chapa-dão, em Costa Barros, há quase duas semanas, e reclamou da sociedade por não se indignar com crimes contra policiais.

— Infelizmente, no Brasil, a tortura e a morte de policiais não atingem corpo na sociedade para efeito de indignação. Achem que morrer faz parte do trabalho do policial. A morte desses policiais continua sendo vista com banalização pela sociedade, e é por isso que eu digo que a polícia luta sozinha nessa cidade. Ela não tem apoio de outras esferas públicas nem da sociedade. É uma realidade que só me entristece — lamentou Beltrame.

Dados do Instituto de Segurança Pública (ISP) do estado mostram que, de janeiro a setembro deste ano, já foram mortos 16 PMs em serviço. Durante todo o ano passado, foi

registrado o mesmo número de óbitos. Em 2015, somente de 1º de setembro a 2 de outubro, nove PMs foram assassinados e 37 ficaram feridos.

CONFRONTO ARMADO CRITICADO

De acordo com Sílvia Ramos, cientista social e coordenadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Candido Mendes, o secretário tem razão quando diz que há pouca preocupação e solidariedade com a morte de policiais. No entanto, a especialista diz que a forma de combate ao crime utilizada pela Secretaria de Segurança colabora para esse cenário.

— O estado acha normal par-

tir para o confronto armado, deixando claro para a sociedade que a polícia declarou guerra contra o tráfico de drogas. E numa guerra é normal que as mortes sejam banalizadas. E não é somente a morte de policiais. O assassinato de jovens negros e pobres, inocentes ou não, decorrentes de incursões policiais, também é banalizado — disse Sílvia.

Na visão de Gláucio Soares, pesquisador e professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), alguns fatores pesam para essa banalização. O primeiro, segundo o sociólogo, é que “parte da inteligência bra-

sileira” não esqueceu das atrocidades feitas pela polícia quando a mesma servia de braço armado para a ditadura militar.

— Mesmo que os participantes daquela época não estejam mais na ativa, e mesmo que a nova geração de policiais tenha nascido depois, houve uma transmissão de valores contrários à polícia, que foi e é reforçada pela prática de policiais corruptos, aquela banda podre que sabemos que existe. Enquanto os criminosos são vistos como vítimas de forças econômicas e sociais, a polícia aparece como um braço armado de vingança, e não como imple-

mentador de justiça. É um descrédito que, infelizmente, atinge os policiais de bem.

De acordo com o fundador do movimento Rio de Paz, Antônio Carlos Costa, a entidade já fez manifestações em prol de policiais, como colar fotos de vítimas em cruzeiros espalhadas na praia.

Ele reconhece, no entanto, que outros movimentos sociais e organizações ligadas aos direitos humanos relutam em dar voz para a polícia por conhecerem o histórico da corporação:

— Relutam pelo histórico de atrocidades que a polícia comete, quando tem voz de poder em algumas regiões. ●